

## **A Questão do Género nas Práticas Educativas**

*Mariana Grazina Cortez*<sup>1</sup>.

---

**Palavras-Chave:** Sociologia do Género; Educação Pré-Escolar; Identidade Masculina e Feminina.

### **Introdução**

O trabalho apresentado segue uma linha de investigação orientada por docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, pretendendo dinamizar a reflexão contínua da formação e práticas educativas em educação de infância e em ensino básico (1<sup>o</sup> ciclo).

Uma das áreas implementadas liga-se aos estudos actuais sobre a sociologia do género, que acentuam problemáticas ligadas à questão da(s) cidadania(s), ao princípio de igualdade de géneros ou mesmo em relação à inclusão/exclusão social, evidenciando não só a discriminação face às mulheres na esfera pública e privada, mas também perante os elementos masculinos, demonstrando a necessidade de um reenquadramento das suas identidades sócio-profissionais (Longo, 1997; Godenzi, 1997).

Apesar da constatação da elevada taxa de feminização dos primeiros níveis de ensino visualiza-se a procura do estatuto sócio-profissional de educador de infância por parte de um número crescente de jovens rapazes, apesar de se considerar esta ocupação como uma das mais segregadas para o género masculino.

Neste sentido, importa analisar as transformações que ocorreram no mercado de trabalho nas últimas décadas, traduzidas em muitos casos, por profundas desigualdades sociais que condicionam as trajectórias de vida, originando processos de enquadramento e construção/reconstrução das suas identidades pessoais e sócio-profissionais.

Pretende-se contribuir para uma reflexão em torno desta problemática, no sentido de questionar a existência de concepções e práticas educativas diferenciadas que possibilitem ultrapassar a categorização rígida dos papéis sociais masculinos e femininos, uma vez que a organização escolar pode ser um dos mecanismos de constrangimento condicionando e reforçando a discriminação dos géneros, veiculando imagens de "homens" e "mulheres" com capacidades e trajectórias de vida diferentes.

Pretende-se, assim, uma maior visibilidade dos elementos masculinos neste estatuto sócio-profissional, traduzida num contexto de paridade educativa, contribuindo para a transformação da questão das desigualdades sociais, e em particular para os processos discriminatórios dos diferentes actores sociais.

### **Objectivos e Opções Metodológicas**

Este estudo apresenta alguns dos resultados de pesquisas mais abrangentes efectuadas em estabelecimentos de ensino superior particular, incidindo numa amostra de elementos masculinos e femininos que trabalham em contextos de educação pré-escolar em interacção sistemática com crianças.

Na medida em que a condição de género requer uma diferenciação e consolidação dos vários papéis a desempenhar no progressivo alargamento das redes de relações sociais dos indivíduos, as crianças constituem igualmente

---

<sup>1</sup> Docente na Escola Superior de Educação João de Deus.

fontes de informação interessantes na sua identificação de representações associadas ao género, pressupondo a influência que estas podem ter no seu desenvolvimento pessoal e social

Na investigação utilizou-se uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas semi-estruturadas, cuja informação foi tratada em termos de análise de conteúdo formal e informal. Os sujeitos da amostra são identificados com as letras "M" e "F", correspondendo ao género masculino e feminino, respectivamente.

No desenvolvimento do trabalho levantaram-se algumas questões, traduzindo alguns objectivos desta investigação:

- Que interesses levarão os elementos masculinos a procurar o estatuto sócio-profissional de educador de infância? A identidade de género constitui um constrangimento nesta opção?
- Quais são as representações do papel de educador de infância nas crianças que frequentam a educação pré-escolar?
- Estaremos perante uma "ideologia do paternalismo" em conjugação/oposição à "ideologia do maternalismo" (Araújo, 1991), característica associada ao género feminino? Devem as escolas assumir uma "pedagogia do género" no sentido da paridade educativa?

## **A Identidade de Género e a Educação**

A identidade de género é referida com um processo de construção progressivo de imagens de masculinidade ou feminilidade ligados aos papéis sociais a desempenhar em determinada sociedade (Scott, 1990). As primeiras abordagens teóricas desta temática baseavam-se essencialmente no determinismo biológico e psicológico ligados aos termos "sexo" ou "diferença sexual", considerando-se o facto biológico sobre o qual são determinados os papéis socialmente aceites, implicando uma certa "maneira de estar" masculina ou feminina. Esta diferenciação foi encorajada desde sempre, apesar de não estar estabelecido com certezas o que é biológico e o que é social. No entender de Titiev (1963) "(...) os padrões de trabalho são determinados com base em valores culturais simbólicos" (p.216).o que leva a atribuir papéis e funções diferenciadas de acordo com os géneros. Tradicionalmente a condição biológica das mulheres tem definido muitos dos seus papéis sociais, sobretudo antes do aparecimento de técnicas contraceptivas e de substitutos do leite materno, ou seja, antes da sua progressiva entrada no mercado do trabalho. No entanto, nas sociedades industrializadas em virtude das desigualdades de posições, as mulheres apresentam ainda uma taxa de actividade inferior à masculina, maior frequência de desemprego, menores salários e qualificações profissionais, menores representações em cargos de gestão (Ferreira, 1995; Dubar, 1998), mas em determinadas profissões (como é caso da enfermagem ou docência, entre outras) constituem uma força maioritária, o que pressupõe uma "identidade feminina" socialmente reconhecida.

Estudos efectuados sobre esta temática apresentam como característicos os traços de instrumentalidade, independência e dominância associados ao género masculino e os traços de expressividade, dependência e submissão ao género feminino (Maccoby, 1988; Amâncio, 1994). Os modelos tradicionais de diferenciação de papéis sociais associados aos géneros irão criar comportamentos estereotipados fortemente enraizados (Bourdieu, 1989, Cortez, 1995).

Embora a família como agente socializador antecipatório e primário seja crucial neste processo de aprendizagem social, entende-se actualmente que a

escola e outras instâncias, poderão ter igualmente muita influência condicionando e implementando a discriminação entre os géneros. Apesar da consolidação da identidade pessoal e social e os estereótipos associados a ela se efectuarem desde muito cedo, constatam-se algumas alterações nas estruturas sócio-económicas traduzidas na entrada das mulheres no mercado do trabalho, na modificação da dinâmica familiar, na diferente orientação dos indivíduos no sentido de uma maior convergência de papéis sociais, passando para modelos mais simétricos de relacionamento e no respeito pelas especificidades dos homens e das mulheres dando origem a concepções de masculinidade e de feminilidade diferentes, mas complementares ( Pepperell, 1998; Cortez, 1999; Riutort, 1999).

As transformações anteriormente mencionadas, ou mesmo a questão da percepção de estratégias mais facilitadas no acesso ao mercado de emprego, levam à constatação de uma procura de cada vez maior desta ocupação por parte de um número de elementos masculinos, contrariando o tradicionalismo nas sociedades industrializadas (Tolson, 1983; Clyde, 1994; Jensen, 1996, Owen, 1998) o que pode ser considerado uma das novas formas de masculinidade, levando Almeida (1997) a referenciar não "(...) uma identidade masculina, mas uma proliferação de masculinidades"

O papel social masculino encontra-se, assim, em profunda alteração na medida em que se verifica uma diluição da hegemonia masculina em relação ao tecido social, principalmente conduzida pelos valores de paridade a serem desenvolvidos em relação às mulheres, sobretudo na esfera pública. Os homens apresentam uma fragilidade nas suas identidades, pois os conceitos de instrumentalidade e dominância têm sido postos em causa. (Lees, 1997) considera a existência de elementos masculinos "vítimas do feminismo e do sucesso aparente de algumas raparigas", o que pressupõe a urgência de um reenquadramento das suas identidades.

A questão da feminização da docência, principalmente nos primeiros níveis de ensino é reforçada pela ideia de competências e atitudes próprias do género feminino para lidar com crianças (Araújo, 1991; Louro, 1997; Héritier, 1998). Referem-se concretamente à "ideologia do maternalismo" que apresenta o ensinar como adequado às mulheres, tornando a educação de infância como uma ocupação socialmente segregada para o género masculino:

"Todas as sociedades humanas criam e mantêm divisões do trabalho e expectativas de personalidade artificiais para os sexos, limitando a humanidade de um ou outro. (...) Onde uma ocupação ou arte é definida como feminina, os homens que se sentem atraídos por ela já estão prejudicados de algum modo ou assim ficarão se tentarem praticá-la." (Mead, 1971:279-282)

Neste sentido, os homens educadores de infância, confrontam-se com alguns constrangimentos sociais ao nível de atitudes da sociedade, pressupondo um tratamento diferenciado ao nível da escola ou mesmo nos locais de exercício profissional:

"(...) é raro haver homens educadores...e quando é raro as pessoas acham estranho...pensam que eles têm qualquer coisa errado...têm que ser maricas e não sei quê...a escola por exemplo trata-os diferentemente, reparam mais neles...há homens educadores espectaculares...é muito diferente ter na sala um educador do que nós, que é hábito estarmos lá." (F-4)

Defende-se a presença masculina nas organizações escolares dos primeiros níveis de ensino pois, as transformações que se deram na estrutura social originaram modelos familiares monoparentais, entre outras, pretendendo-se recriar o ambiente familiar na escola. No entanto, assiste-se a desigualdades sociais baseadas em questões de género e assim, importa reflectir sobre os possíveis preconceitos de estereotipização no intuito da sua anulação, promovendo uma maior paridade educativa e incentivando a aceitação das

especificidades próprias de cada género, assumindo uma profissionalidade pedagógica no sentido da “pedagogia de género” (Owen, 1998)

“This idea is the idea that girls and boys behave in different ways, and that this must be taken account of in organization of child care (...) gender pedagogy says that girl and boys – to some extent – have different needs so that to treat them the same is to do them a disservice” (p. 8)

No sentido do desenvolvimento integral das crianças e no intuito da maior visibilidade dos elementos masculinos no estatuto sócio-profissional de educador de infância, interessa analisar a problemática das desigualdades sociais, nomeadamente as discriminações de género.

## Resultados

De um modo não exaustivo, dos dados obtidos podem retirar-se as seguintes inferências:

- Constata-se uma ligação prematura por parte da população feminina, referindo-se a esta ocupação como a sua preferida desde a infância e apropriada ao seu género “(É um curso muito bonito para uma menina “)(F-3) o que pressupõe um posicionamento teórico ligado à reprodução das estruturas sócio-culturais (Bourdieu, 1989). Enquanto os elementos masculinos só mais tardiamente se vinculam a esta opção, na medida em que viveram outras experiências quantitativamente e qualitativamente diferentes do ponto de vista pessoal, educativo e/ou profissional, que retardou a sua decisão.

- Os entrevistados consideram ter tido algumas dificuldades de aceitação na sua escolha por parte da figura paterna, pois esta profissão não é considerada tradicionalmente como masculina:

“O Curso de Economia sempre foi o sonho dos meus pais, mas não meu. Resolvi mudar porque adorava crianças e adoro. (M-5)

“(...) eu penso que são profissões que estão excessivamente no feminino, e isso é um aspecto negativo para as crianças, porque elas têm pai e mãe. (...)” (M-1)

Tendo que “lutar” contra este facto instituído, alguns autores consideram que este posicionamento se encontra ligado à questão das motivações intrínsecas, traduzindo-se na construção de uma estratégia identitária pessoal e subjectiva (Boudon, 1990). Ao contrário das entrevistadas, cujas atitudes maternas apontam no sentido de uma indução da noção de “vocaçãõ”, reforçando o papel maternal relacionado com esta prática docente.

Por outro lado, constata-se a existência de um relacionamento afectivo idêntico perante os géneros, embora diferenciado, pois os rapazes argumentam evidenciando a transformação da emotividade em relação de pertença por parte das suas colegas educadoras.:

"Eu penso que a educadora deixa passar para a sua forma de trabalhar características dela...há uma preocupação constante em proteger...e nota-se na forma de dar afecto, eu não necessito tanto de pôr as crianças ao colo, de dar beijinhos, não é só por aí que o afecto se transmite...é dar respeito, dar espaço (...) as educadoras abafam as crianças, incluem as crianças nelas próprias, enquanto os homens lhes dão o mesmo sentido de segurança, mas dão-lhes mais oportunidade da criança ser ela a ganhar a confiança (...) as minhas colegas dizem frequentemente 'os meus meninos', mas isto não faz parte do meu vocabulário... os meninos não são meus!" (M-3)

- Visualiza-se uma baixa taxa de masculinização, o que leva a maiores possibilidades de emprego e, embora este facto tenha sido relatado com alguma frequência, observaram-se atitudes de vinculação activa a

este estatuto profissional, apesar de todos os constrangimentos sócio-culturais veiculados por parte dos empregadores, dos pares da profissão, das crianças e dos seus pais, entre outros. A imagem representada é ainda culturalmente negativa em relação ao género masculino.

Em relação às opiniões das crianças sobre o educador de infância analisámos uma categoria contendo as seguintes sub-categorias: 2

a) Representações de masculinidade

1-Atributos Físicos

2-Atributos de Comportamento

3-Atributos de Vestuário e Adereços

Em relação à sub-categoria Atributos Físicos as crianças consideram a existência de características próprias associadas ao aspecto corporal na figura do educador de infância:

“Se tu fosses um homem...Eras alto e gordo.” (F-10)

“Se tu fosses um homem... Tinhas cabelo curto” (F-11;M-5)

“Se tu fosses um homem... Tinhas que ser bonito” (F-4; M-3; M-1)

“Se tu fosses um homem... Eras careca” (F-5; F-14)

No mesmo sentido a sub-categoria Atributos de Vestuário e Adereços, reforça a imagem masculina ligada a artefactos e vestuários de acordo com o respectivo género:

“Se tu fosses um homem... Punhas perfume e vestias roupa de homem”(M-7)

“Se tu fosses um homem...Usavas calças.” (M-5; M-8)

Na última sub-categoria Atributos de Comportamento verificamos que as crianças defendem a ludicidade como o atributo principal na representação do educador de infância:

“Se tu fosses um homem... Tinhas que ser engraçado e brincalhão” (F-2)

“Se tu fosses um homem... Gostava que brincasses connosco” (F-8)

“Se tu fosses um homem... Eras engraçado” (M-4)

“Se tu fosses um homem... Eras brincalhão e chatarrão” (M-5; F-12)

“Se tu fosses um homem...Eras bonito e brincavas com jogos” (M-1)

O facto das crianças referirem apenas o aspecto da ludicidade no educador, poderá estar relacionado com a baixa taxa de masculinização da docência nestes níveis de ensino. Os elemento masculinos na educação de infância são habitualmente dinamizadores de actividades de animação, de desporto e de expressões lúdicas. De acordo com Cortez ( 1995)

“(…) constata-se a elevada presença de rapazes monitores em Actividades de Tempos Livres (ATL) que não prosseguem os estudos na área das ciências da educação, visto que este tipo de actividade, na maioria dos casos, é temporário, enquanto que o ingresso no curso de Educador de Infância os vincularia a um estatuto sócio-profissional pouco prestigiado (...) e apresentando uma desvalorização do ponto de vista social.” (P.96)

<sup>2</sup> Dados retirados de um trabalho efectuado com crianças de 5 anos de idade. (Cfr. Cortez, Mariana; Ambrósio, Sofia (2000) *A Questão do Género na Educação Pré-Escolar*. Comunicação apresentada no V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, realizado em Faro de 10 a 12 de Fevereiro.)

Podemos inferir dos dados analisados que as crianças representam o educador de infância com características “típicas” da identidade de género masculina, ressaltando os aspectos lúdicos como atributo da sua profissionalidade pedagógica.

## Conclusões

Se analisarmos mais detalhadamente as trajectórias individuais e sócio-culturais destes actores sociais, visualizam-se contextos diferenciais ao nível dos homens e mulheres, na medida em que as escolhas destas traduzem uma noção reprodutiva, pois as suas decisões são um produto das estruturas sociais onde estão inseridas. Cada realidade individual está em interacção com o meio que a rodeia, reflectindo uma interiorização do seu sistema de valores simbólicos.

Em relação aos elementos masculinos, apesar da sua inserção neste sistema de valores ser o mesmo, percepção-se uma intencionalidade manifesta no sentido Mertoniano, procurando uma integração e vinculação neste mercado de trabalho potencial e traçando percursos dinâmicos na construção das suas identidades particulares. Assim, é necessário desenvolver a questão da paridade da participação nos contextos educativos das primeiras idades, chamando a atenção para uma possível “ideologia do paternalismo” em complementaridade com o “maternalismo” (Cortez, 1998), no sentido da redefinição das identidades masculinas e femininas, devendo os homens enfrentar os constrangimentos sócio-culturais que originaram os estereótipos de género.

Por outro lado, em relação à escola, é necessário “(...) o desenvolvimento de uma pedagogia diferenciada que valorize o sentido social das aprendizagens, que permitam gerir as diferenças de um grupo, no seio do próprio grupo e, através das capacidades que cada membro desse grupo tem” (Cadima, 1997:14). A reflexão sobre a construção da profissionalidade pedagógica passa por novos alinhamentos nas práticas educativas no intuito de uma pedagogia diferenciada, tal com alguns autores denominam de “pedagogia de género” (Owen, 1998).

Apesar de trabalhar em educação de infância ser considerada como uma das ocupações mais segregadas para o género masculino no mercado de trabalho, assiste-se a uma procura crescente desta profissão pelos homens. Esta tendência obriga a repensar a construção da identidade profissional, quer pelas escolas de formação, quer pelos educadores de infância, uma vez que para o desenvolvimento psicossocial da criança é importante que os modelos de identificação sejam coerentes, susceptíveis de serem integrados e referenciados.

Repensar o papel dos géneros na educação, será uma condição necessária a todos os que se interessam por estas realidades, procurando analisar de que forma as escolas e as outras instâncias, poderão assumir uma “pedagogia do género” no sentido da complementaridade e da especificidades de cada género, e também na aceitação dos lados masculinos e femininos de cada pessoa humana.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel V. (1997) Masculinidades, Cidadania, Direitos e Deveres. in: Colóquio Internacional *Outros Sentidos para Novas Cidadanias – Resumos*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

AMÂNCIO, Lígia (1994) *Masculino e Feminino – A Construção Social da Diferença*. Lisboa: Edições Afrontamento.

ARAÚJO, H. C. (1991) *Investigando em torno da Feminização do Ensino na sua Relação com a Construção da Escola de Massas em Portugal*, in: O Professor. Novembro, nº 22 (3ª série) Pp. 54-57.

- BOUDON (1990) *O Lugar da Desordem*. Lisboa: Gradiva.
- BOURDIEU, P. (1989) *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- CADIMA, et. al. (1997) *Diferenciação Pedagógica no Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação- Instituto de Inovação Educacional.
- CLYDE, Margaret (1994) *Men in Early Childhood: What do Women Think About it?*. School of Early Childhood Studies – University of Melbourne. Austrália. <http://ericir.syr.edu/plweb-cgi> (30-4-99)
- CORTEZ, Mariana Grazina (1995) *Educar no Feminino e Masculino – Estudo Sobre as Representações Sociais na Opção do Curso de Educadores(as) de Infância em Dois estabelecimentos de Ensino Superior Particular e Cooperativo*. Lisboa: I.S.C.S.P.-U.T.L. (Tese de Mestrado em Sociologia – Policopiado).
- \_\_\_\_\_ (1998) *Educadores de Infância: a Decisão na Escolha das Opções Profissionais dos Jovens*. in: *A Decisão em Educação – Actas do VIII Colóquio da AFIRSE/AIPELF*. Pp.724-737.
- \_\_\_\_\_ (1999) *Ainda a Problemática da Identidade de Género na Educação...!* in: *O Professor*, nº65, III Série, Maio-Junho. Pp.20-26.
- \_\_\_\_\_ (2000) *A Questão do Género na Educação Pré-Escolar*. Comunicação apresentada no V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, realizado de 10 a 12 de Fevereiro, na Universidade do Algarve.
- DUBAR, Claude; TRIPIER, Pierre (1998) *Sociologie des Professions*. Paris: Armand Colin.
- FERREIRA, J. M. Carvalho. et.al. (1995) *Sociologia*. Lisboa: McGraw-Hill
- GODENZI, Alberto (1997) *Determinants of Culture. Men and Economic Power*. In: *Male Roles and Masculinities in the Perspectives of a Culture of Peace*. UNESCO. Oslo. [www.unesco.org/cpp/uk/projects/oslorec.htm](http://www.unesco.org/cpp/uk/projects/oslorec.htm) (15-1-99)
- HÉRITIER, Françoise (1998) *Masculino Feminino - O Pensamento da Diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JENSEN, Jytte-Juul (1996) *Men as Workers in Childcare Services. A Discussion Paper*. London: European Commission Network on Childcare.
- LEES, Sue (1997) *Destablising Hegemonic Masculinity* in: *Colóquio Internacional Outros Sentidos para Novas Cidades – Resumos*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- LONGO, Gioia C. (1997) *The New Male Identity Between Crisis and New Redefinition. Towards Equivalence of the Two Genders*. In: *Male Roles and Masculinities in the Perspectives of a Culture of Peace*. UNESCO. Oslo. [www.unesco.org/cpp/uk/projects/oslorec.htm](http://www.unesco.org/cpp/uk/projects/oslorec.htm) (15-1-99)
- LOURO, Guacira (1997) *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes.
- MACCOBY, Eleanor E. (1988) *Gender as a Social Category* in: *Developmental Psychology*, Vol. 24, nº 6. Pp. 755-765.
- MEAD, Margaret (1971) *Macho e Fêmea*. Petrópolis: Editora Vozes.
- OWEN, C. (1998) *Men as Workers in Services for Young Children: Prolegomena*. in: *Men as Workers in Services for Young Children: Issues of a Mixed Gender Workforce*. Ed. Owen, C.; Cameron, C.; Moss, P. : Institute of Education- University of London. Pp.3-10.

PEPPERELL, S. (1998) Men in Non-Traditional Working Practices: What happens when men move into female-dominated occupations? in: *Men as Workers in Services for Young Children: Issues of a Mixed Gender Workforce*. Ed. Owen, C.; Cameron, C.; Moss, P. : Institute of Education- University of London. Pp. 82-88.

RIUTORT, Philippe (1999) *Primeiras Lições de Sociologia*. Lisboa: Gradiva.

SCOTT, Joan (1990) Gênero: uma Categoria útil de Análise Histórica in. *Educação e Realidade*. Vol. 15, nº 2. Julho/Dezembro. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul. Pp. 5-22.

TITIEV, Mischa (1963) *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

TOLSON, Andrew (1983) *Os Limites da Masculinidade*. Lisboa. Assírio e Alvim.